

Modos de vida no município de Paraty – Praia do Sono

Resultados gerais – Janeiro 2011

Projeto “Community-based resource management and food security in coastal Brazil” (Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP)

Coordenação da etapa sobre modos de vida: Natalia Hanazaki (Universidade Federal de Santa Catarina)

Equipe de campo: Laura Cavechia, Mariana Giraldo, Luciana Araujo, Ivan Martins, Fernanda Bueloni, Rodrigo de Freitas, Luziana Silva, Carlos Idrobo, Lydia Carpenter, Nivaldo Peroni, Natalia Hanazaki

Dados coletados de 04 a 06/07/2010

Este relatório contém alguns dos resultados das entrevistas realizadas em diferentes comunidades do município de Paraty, RJ, dentro do subprojeto sobre modos de vida e segurança alimentar (Projeto “Community-based resource management and food security in coastal Brazil”). São resultados de entrevistas feitas com uma amostra das unidades domiciliares e representam apenas um retrato de alguns aspectos dos modos de vida locais. É importante destacar que este retrato é parcial e possui todas as limitações de entrevistas que são feitas num curto período de tempo. Entretanto, é de nossa intenção partilhar esses resultados com as comunidades onde o estudo foi feito, e esse é o intuito deste documento.

- Número de residências estimado: 112
- Número de entrevistas realizadas: 40 (além de 11 recusas, 17 casas fechadas e 13 casas vazias)
- População total amostrada através das entrevistas: 178 pessoas (109 homens e 69 mulheres)
- Duração média da entrevista: 25 minutos

1. Sobre as unidades familiares

As famílias da maioria das unidades domiciliares vivem na comunidade entre 3 e mais de 70 anos, sendo que a média é de 29,7 anos de residência da família na comunidade (Figura 1). O chefe da família é do sexo masculino em 65% das 40 unidades domiciliares entrevistadas, em 7% é do sexo feminino e em 28% das entrevistas não houve resposta para esta pergunta.

O número médio de pessoas por casa é de 4,4 pessoas (Figura 2). A grande maioria das pessoas residentes nas casas onde foram feitas entrevistas possui 1º grau incompleto, o que reflete ainda hoje as dificuldades de acesso ao ensino formal na comunidade (Figura 3). Entre as 176 pessoas residentes nas unidades domiciliares entrevistadas, 25 pessoas em idade escolar (para

o ensino obrigatório) não frequentam a escola e, por outro lado, 1 pessoa que não está em idade escolar ainda estuda.

O número de pessoas que geram renda nas unidades domiciliares corresponde a 60% da população amostrada através das entrevistas (Figura 4); entretanto é necessário considerar que 32% da população tem idade menor que 16 anos (Figura 5).

A pesca é a principal atividade econômica nas unidades familiares de Praia do Sono (Figura 6), seguida pela construção civil. Outras atividades frequentes, além da pesca, são comércios e trabalho com o turismo (Figura 7; respostas a partir de uma lista de alternativas).



Figura 1. Há quanto tempo a sua família vive nesta comunidade? (respostas de 40 unidades domiciliares, Praia do Sono)

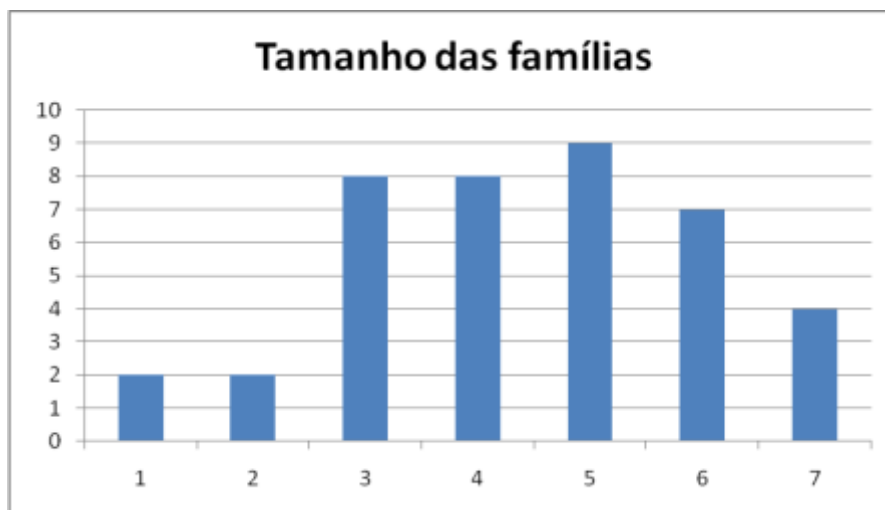


Figura 2. Quantas pessoas vivem na sua casa? (respostas de 40 unidades domiciliares, Praia do Sono)



Figura 3. Escolaridade (n=169 pessoas, Praia do Sono)

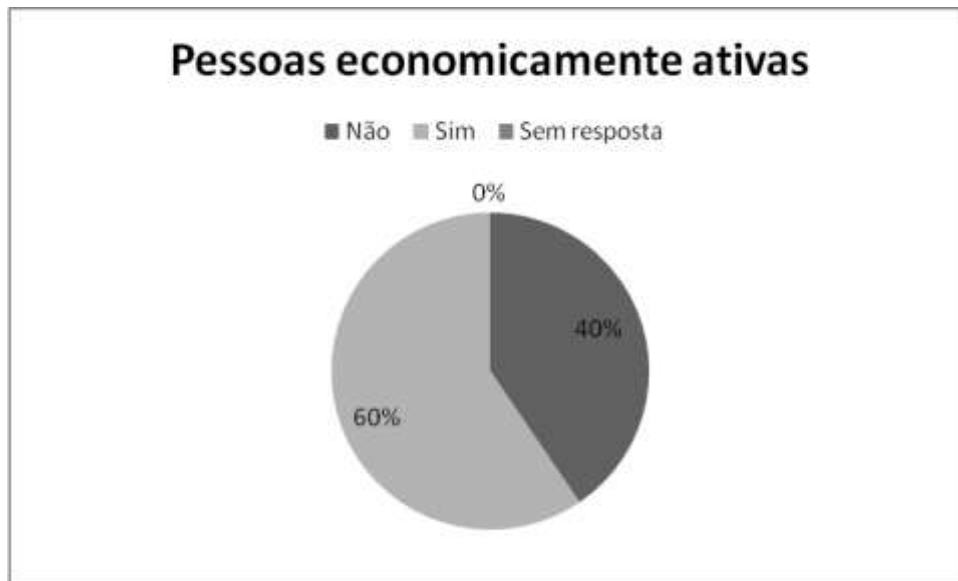


Figura 4. Número de pessoas que geram renda (n=168, Praia do Sono)

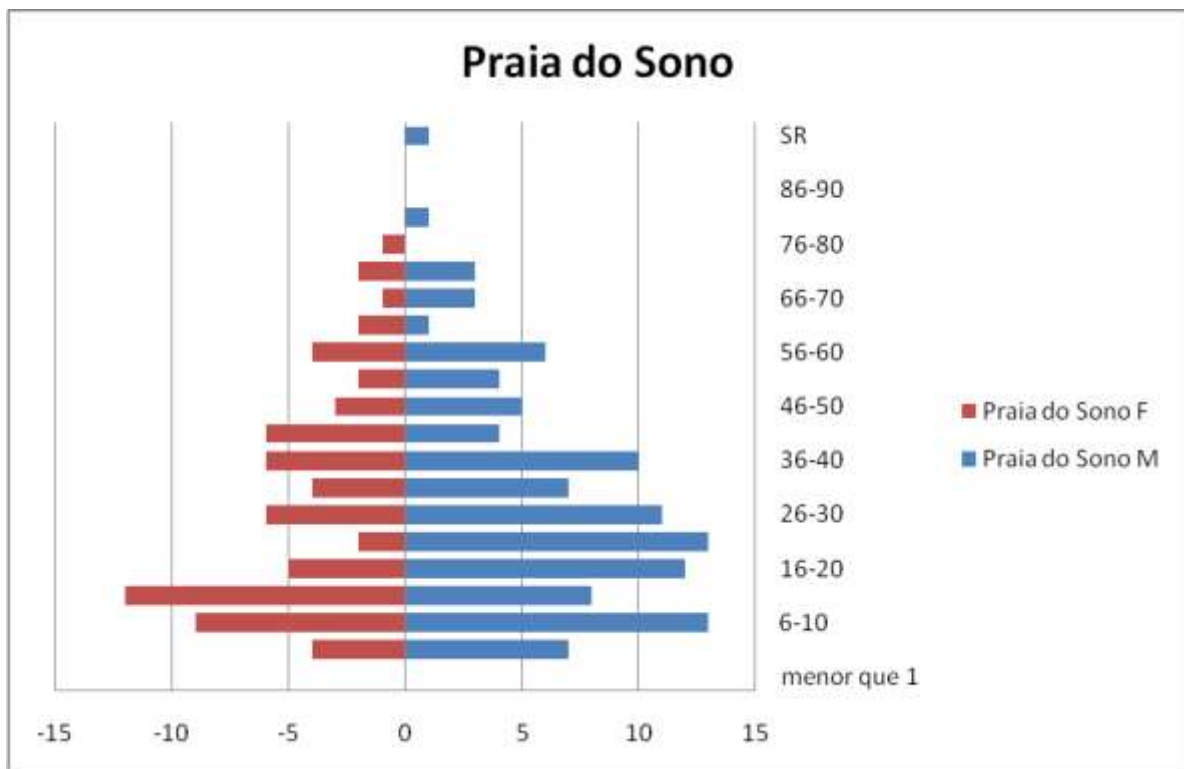


Figura 5. Pirâmide etária (n=178 pessoas, Praia do Sono)



Figura 6 – Atividade econômica principal da unidade domiciliar (n=40 unidades domiciliares, Praia do Sono)

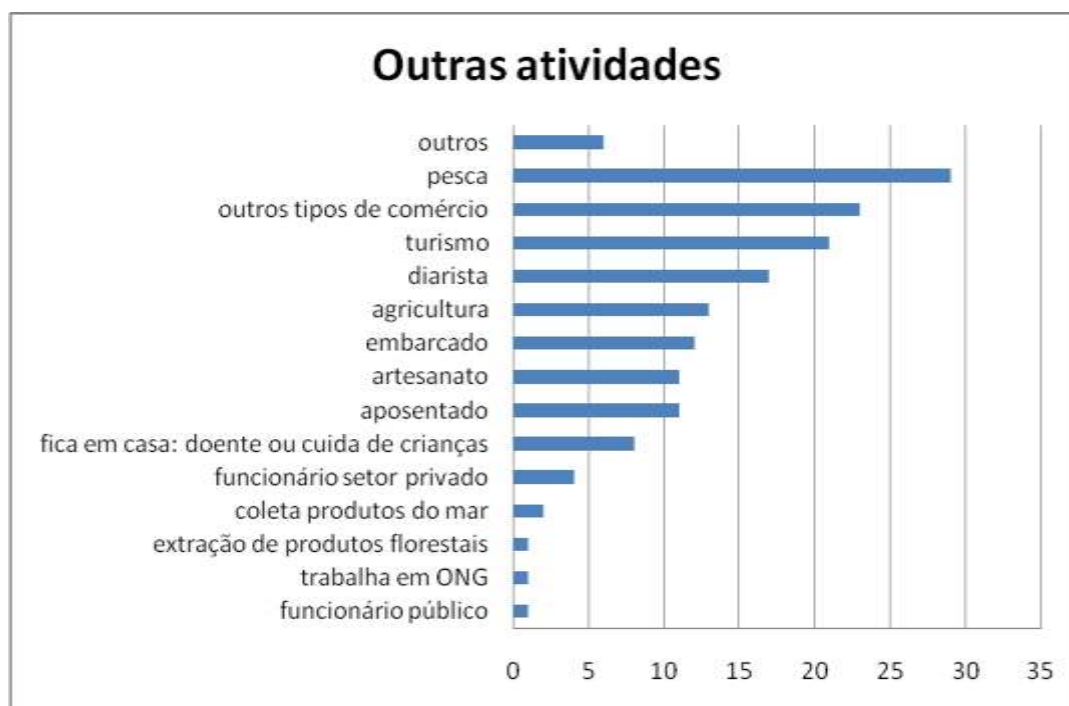


Figura 7 – Outras atividades da unidade domiciliar (n=76 respostas, Praia do Sono)

2. Sobre a pesca

Na Praia do Sono, entre as 40 unidades domiciliares entrevistadas, a pesca está presente em 73% delas (29 unidades domiciliares). Comparando com 6 outras comunidades onde o mesmo levantamento foi efetuado (Barra Grande, Ilha do Araújo, Ponta Negra, Praia Grande, Tarituba e Trindade), Praia do Sono está entre as

comunidades com maior proporção de pescadores, junto com Ilha do Araújo (93%) e Ponta Negra (75%), sendo que todas as demais possuem menos de 50% de unidades domiciliares que praticam a pesca. Foram recolhidas informações específicas sobre a pesca para até três pescadores residentes em cada unidade

familiar, totalizando 48 pessoas que praticam a pesca, sendo 47 homens e 1 mulher. Entre essas 29 unidades domiciliares que praticam atividades pesqueiras, 20 delas (69%) possuem barco e 12 (41%) possuem motor.

A maioria dos pescadores na Praia do Sono começou a pescar durante sua infância ou adolescência (Figura 8), e atualmente pratica a atividade diariamente (Figura 9). A maioria dos pescadores considera-se pescador artesanal

(Figura 10) e são tanto pescadores em tempo integral como em tempo parcial (Figura 11). A maioria decide pescar devido à tradição familiar.

O pescado capturado nas unidades domiciliares que praticam a pesca é destinado principalmente para o consumo, mas também para a venda (Figura 13). As respostas na categoria “outros” referem-se principalmente à venda para turistas.

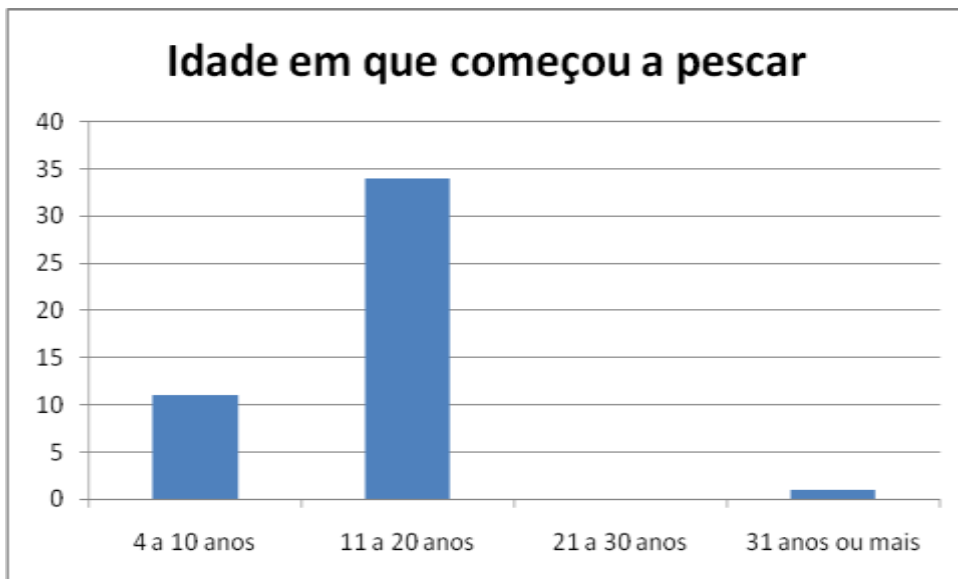


Figura 8 – Idade em que começou a pescar (n=46 pescadores, Praia do Sono)

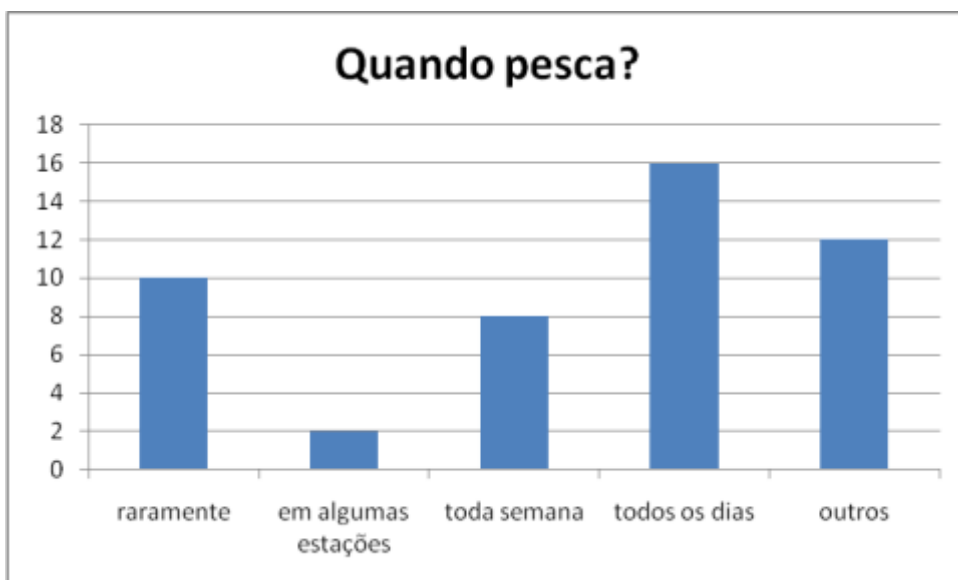


Figura 9 – Frequência da atividade de pesca (n=48 pescadores, Praia do Sono)



Figura 10 – Percepção dos pescadores sobre o tipo de pesca praticada (n=52 pescadores, Praia do Sono)

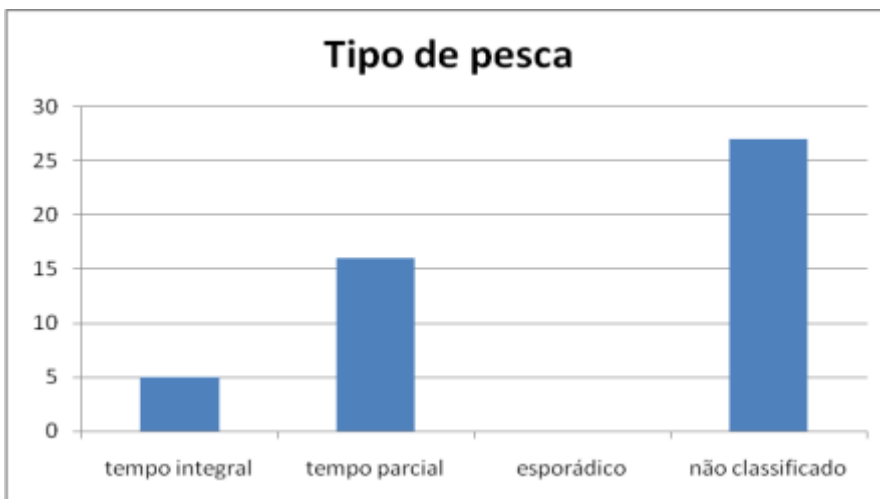


Figura 11 – Classificação do tipo de pesca praticada, feita pelo entrevistador com base nas respostas (n=48 pescadores, Praia do Sono)

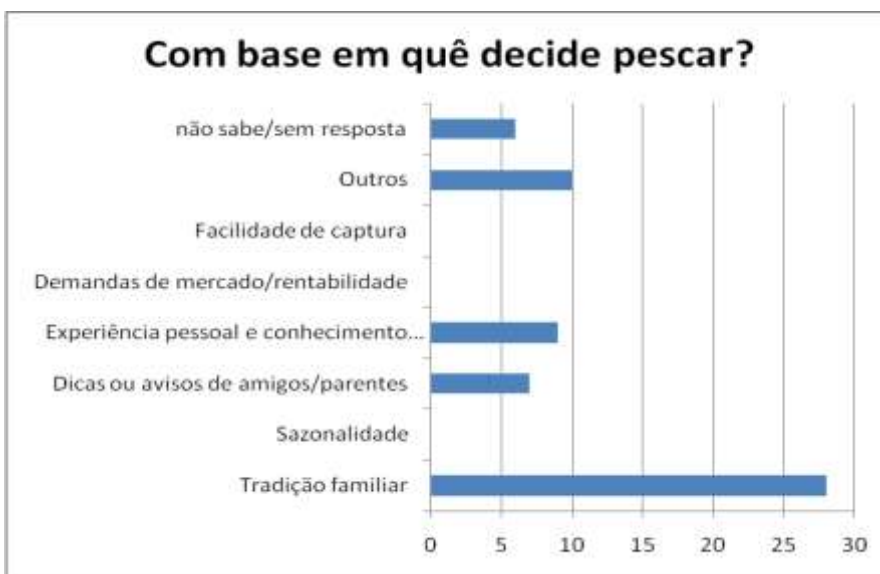


Figura 12 – Tomada de decisão na pesca (n=48 pescadores, Praia do Sono)



Figura 13 – Destino da captura da pesca (n=29 unidades domiciliares, Praia do Sono)

3. *Produção de alimentos e segurança alimentar*

Cerca de 33% (n=13) das 40 unidades domiciliares possui roça. A produção de alimentos ocorre em grande parte das unidades domiciliares de Praia do Sono (Figura 14), sendo esta principalmente direcionada para o autoconsumo. Alguns produtos são destinados também à venda, como o pescado e, para algumas famílias, o aipim e animais de criação como galinhas. Para a maior parte das unidades domiciliares, o peixe é consumido de duas vezes por semana a quase todos os dias (Figura 15).

Em caso de escassez de alimento produzido localmente, a maioria das unidades domiciliares podem comprar alimentos (Figura 16). Mais da metade das unidades domiciliares

tiveram escassez de alimentos no último ano (Figura 17), mas muitas vezes essa escassez não estava relacionada com a produção local, mas sim com o fato das compras de mercado serem feitas mensalmente. As alternativas de fornecimento de alimento no caso de escassez podem também ser percebidas através das trocas de alimentos ocasionais no último mês, declaradas pelas unidades domiciliares (Figura 18).

A maioria das unidades domiciliares considera seu consumo de alimentos entre regular e bom (Figura 19) e nenhuma unidade domiciliar considerou seu consumo de alimentos ruim.

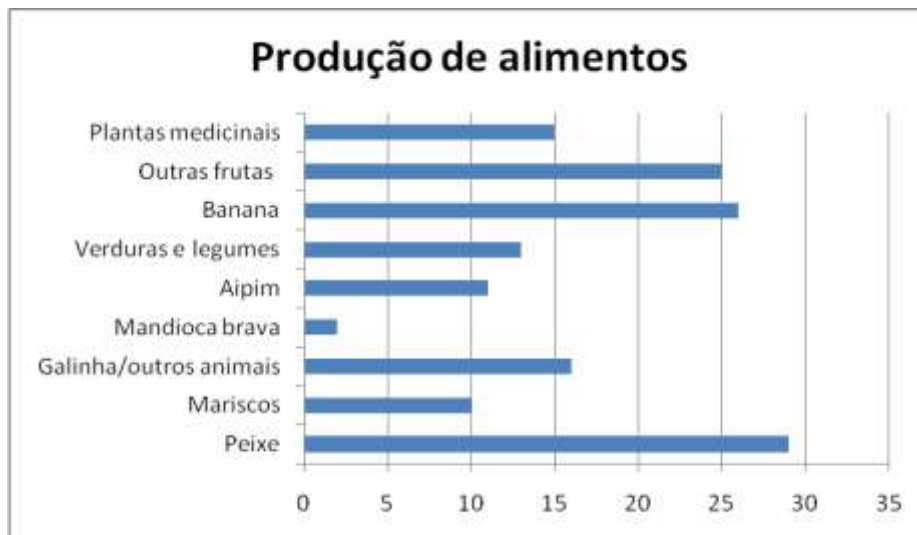


Figura 14 – Alimentos produzidos (n=40 unidades domiciliares, Praia do Sono)



Figura 15 – Frequência de consumo de peixe (n=40 unidades domiciliares, Praia do Sono)



Figura 16 – Alternativas para as ocasiões em que há escassez de alimentos produzidos no local (n=40 unidades domiciliares, Praia do Sono)

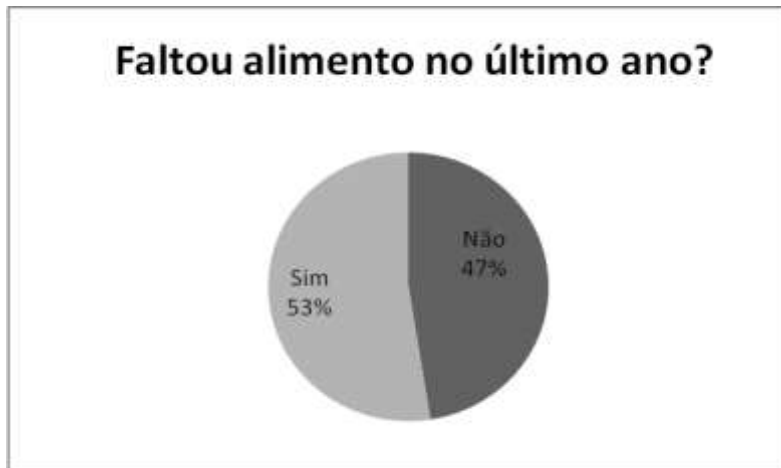


Figura 17 – Unidades domiciliares que tiveram falta de algum alimento no último ano (n=40 unidades domiciliares, Praia do Sono)

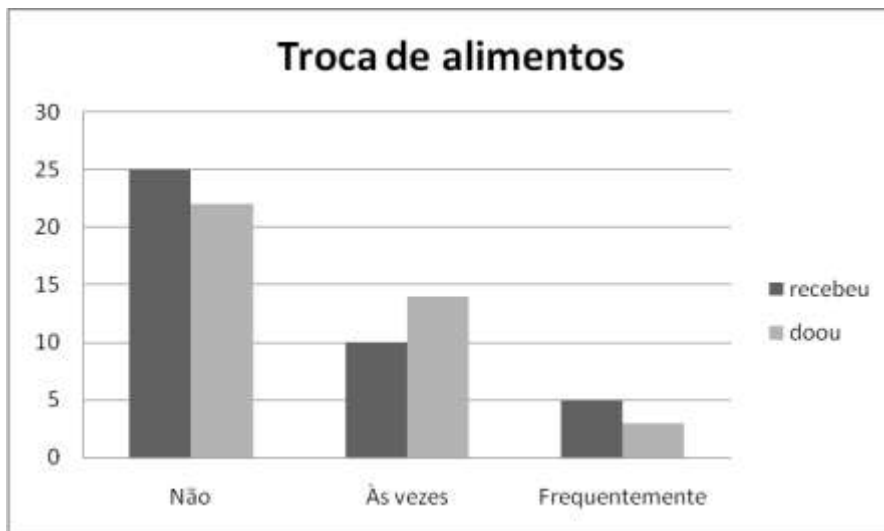


Figura 18 – Troca de alimentos no último mês (n=40 unidades domiciliares, Praia do Sono)

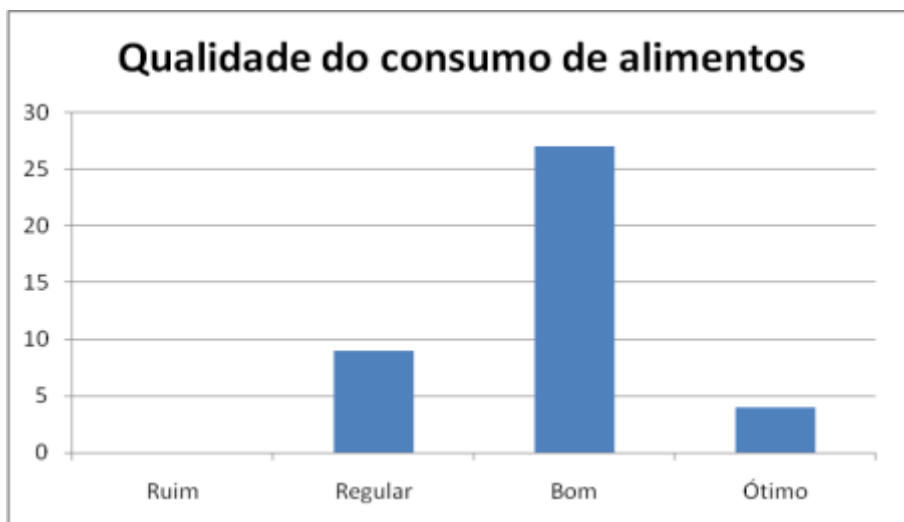


Figura 19 – Qualidade percebida do consumo de alimentos (n=40 unidades domiciliares, Praia do Sono)

4. Qualidade de vida, microeconomia e futuro

A qualidade de vida percebida pelas unidades domiciliares está entre razoável e boa (Figura 20), não havendo nenhuma unidade domiciliar que tivesse considerado sua qualidade de vida como ruim. A qualidade de vida comparada com as outras unidades domiciliares da comunidade (Figura 21) também mostra que a maioria das unidades domiciliares considera que estão na média.

Quando foi perguntado sobre o que os entrevistados gostariam de melhorar (Figura 22), a maioria das respostas referiu-se à educação, trabalho, dinheiro, saúde e moradia. Com relação à pergunta sobre três prioridades de investimento no caso de possuírem mais dinheiro (Figura 23), as principais respostas foram relacionadas à melhorias na infraestrutura da casa, investimentos na educação e nas atividades de pesca. Nos casos em que foi perguntado por quê a pesca não estava entre as prioridades de investimento (Figura 24), 5 respostas referiram-se à falta de rentabilidade da atividade. Na categoria “outros”, apareceram respostas relacionadas a não gostar da pesca, à falta de segurança da atividade, ao fato de não viver da pesca, à escassez de pescado e a outras necessidades mais urgentes como ter o título da terra.

Indicadores microeconômicos, como a existência de empréstimos nos últimos dois anos (Figura 25) e a existência de dívidas (Figura 26) indicam que as unidades domiciliares entrevistadas não tem o hábito de contrair

dívidas. Destaca-se o fato de que apenas uma unidade domiciliar possui empréstimo do PRONAF (Programa BB Aqüicultura e Pesca), direcionado para a pesca artesanal.

Nas perguntas relacionadas ao futuro, as principais atividades desejadas incluem o turismo, a pesca e outros comércios (Figura 27), destacando-se também a categoria “outros” que inclui atividades como trabalhar no hospital; estudar, terminar o supletivo e procurar emprego; ter também uma casa na cidade; trabalhar como cozinheira. Em relação aos desejos de futuro para os filhos, além dos trabalhos com o turismo e com comércios, destacam-se respostas na categoria “outros” que incluem estudar, ter saúde, fazer faculdade, ter uma fonte de renda na comunidade, ser professor, e ter uma ocupação diferente de trabalhos em bar ou camping.

Para aqueles que responderam sobre o que gostariam que seus filhos fizessem no futuro, foi perguntado o que impediria essa realização (Figura 28). Entre as alternativas oferecidas, a falta de boa educação, a falta de peixe, a falta de emprego local, e as unidades de conservação restritivas foram lembradas por poucos entrevistados. Entre as respostas na categorias “outros”, estão as dificuldades com transporte e a distância de Paraty, a dificuldade de acesso à escola, as condições financeiras, a falta de interesse, o fato do marido estar desempregado, vícios e álcool, restrições à pesca, o isolamento, a falta de empregos na comunidade.

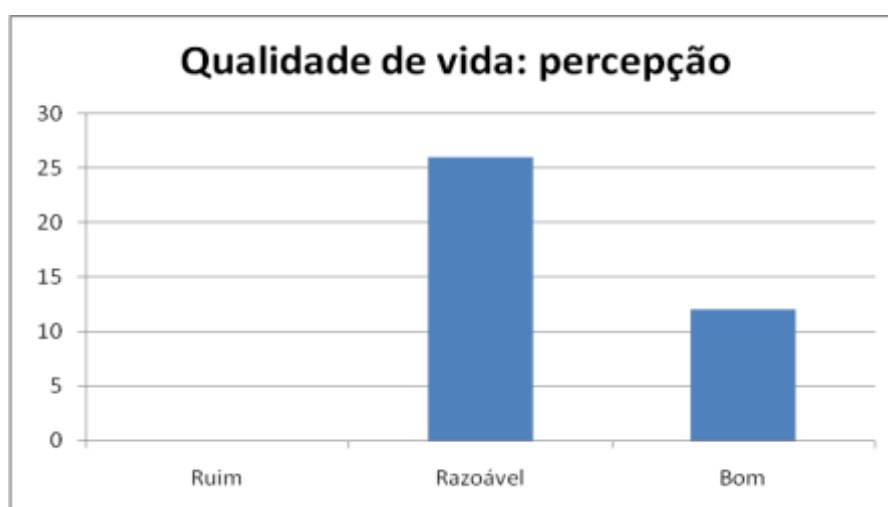


Figura 20 – Percepção sobre a qualidade de vida (n=38 unidades domiciliares, Praia do Sono)

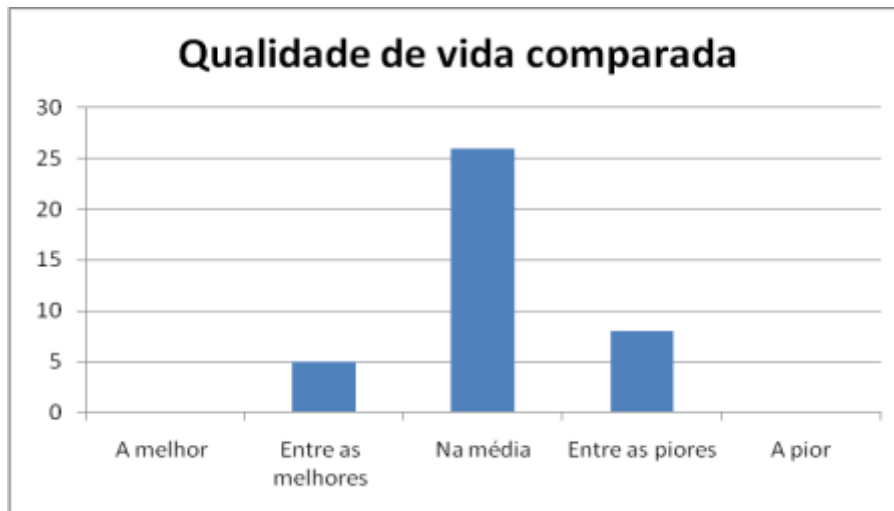


Figura 21 – Qualidade de vida comparada com as outras unidades domiciliares da comunidade (n=39 unidades domiciliares, Praia do Sono)

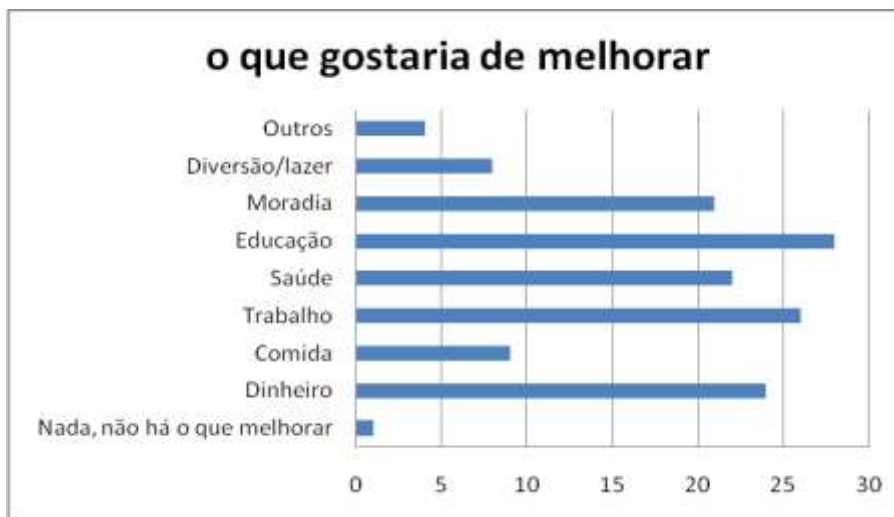


Figura 22 – Respostas à pergunta “Pensando na sua família, quais questões você gostaria de melhorar?” (n=40 entrevistas, 143 respostas, Praia do Sono)



Figura 23 – Respostas à pergunta “Se você tivesse mais dinheiro, quais seriam as três principais prioridades para você?” (n=40 entrevistas, Praia do Sono)

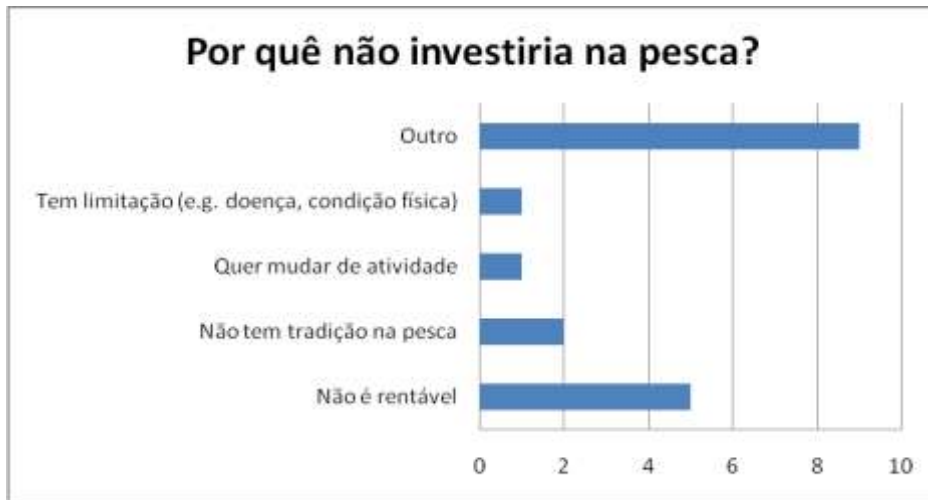


Figura 24 – Respostas à pergunta “Se a pesca não é uma prioridade da pergunta anterior, por quê você não investiria na pesca?” (n=18 entrevistas, Praia do Sono)

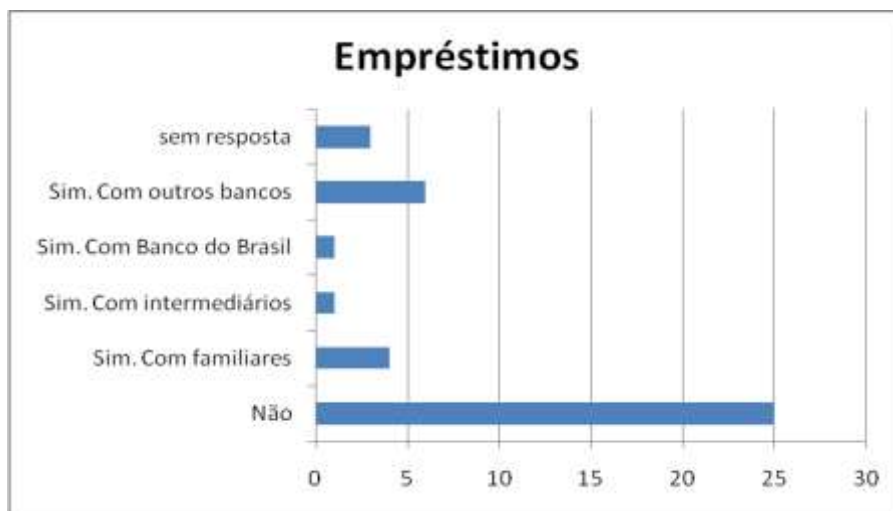


Figura 25 – Respostas à pergunta: “Você emprestou dinheiro nos últimos dois anos?” (n=40 unidades domiciliares, Praia do Sono)



Figura 26 – Respostas à pergunta: “Você tem alguma dívida atualmente?” (n=40 unidades domiciliares, Praia do Sono)

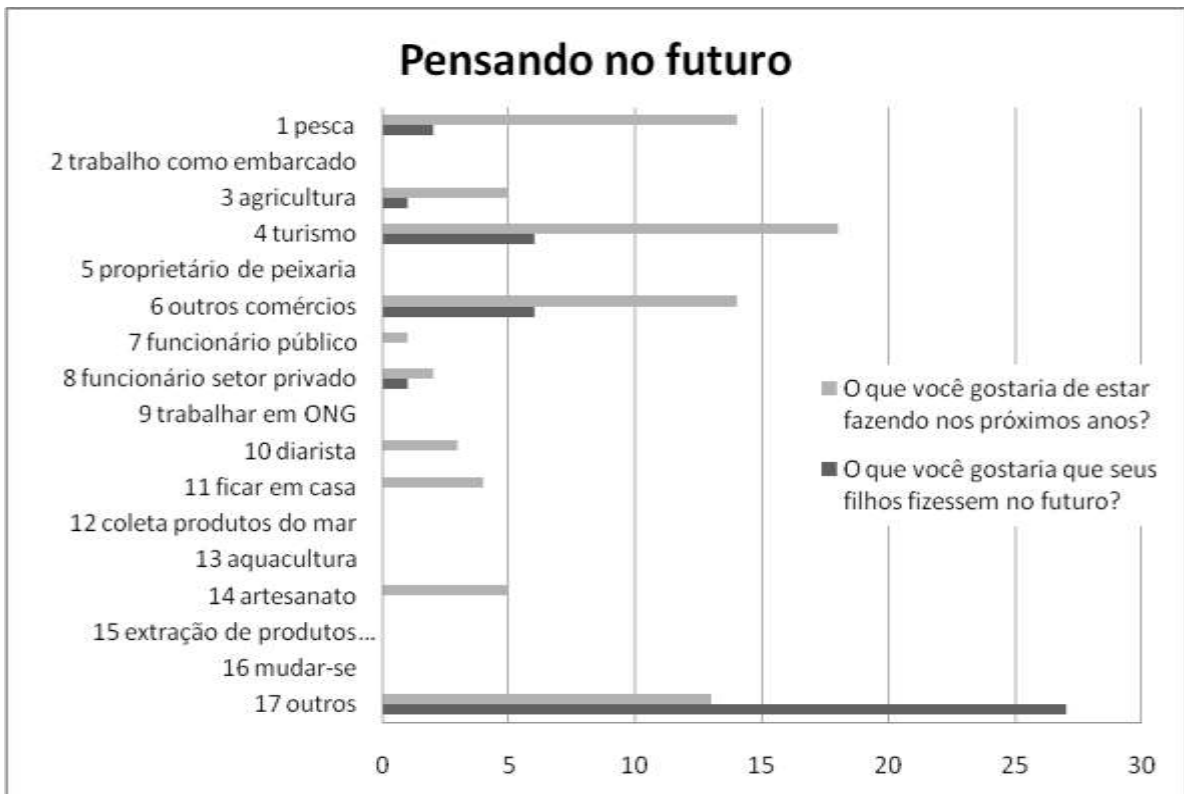


Figura 27 - Pensando no futuro: respostas às perguntas “Que atividades você gostaria de estar fazendo nos próximos anos?” (n=79 respostas, Praia do Sono) e “O que você gostaria que seus filhos fizessem no futuro?” (n=43 respostas, Praia do Sono)



Figura 28 - Pensando no futuro: restrições para a realização do futuro dos filhos, para os entrevistados que responderam a pergunta “O que você gostaria que seus filhos fizessem no futuro?” (n=34 respostas, Praia do Sono)